



III CINTEDI

A LEITURA COMO ESTRATÉGIA DE SUPORTE PARA ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Sílvia Raquel Nascimento

Universidade Federal da Paraíba
escolapequenogigante@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho intitulado *A leitura como estratégia de suporte para alunos com dificuldades de aprendizagem* traz uma proposta para superar as dificuldades de aprendizagem encontradas por alunos nas aulas Língua Portuguesa, em meio ao processo da aprendizagem da leitura, objetivamos apresentar o processo de formação leitora e a posição do aluno/leitor enquanto sujeito constituinte e constituído em meio ao processo de leitura dentro do universo letrado. Para tanto, pesquisamos e analisamos questões ligadas ao processo da formação do aluno, enquanto um ser leitor, o qual faz uso de estratégias para desenvolver a prática leitora. Buscamos abordar o incentivo da leitura enquanto uma prática dinâmica e motivadora, pois sabemos que há a necessidade de propor estratégias facilitadoras para alunos com dificuldades de aprendizagem nas aulas de linguagem, enfocando que os alunos já possuíam um vasto conhecimento dos letramentos sociais e a prática da leitura enquanto algo essencial cotidianamente. Identificamos e relacionamos a importância de se estimular o desenvolvimento das estratégias de leitura em meio ao ato de ler. Com o estudo realizado, percebemos que o ensino de leitura de maneira dinâmica e estratégica tem o caráter de oferecer aos alunos meios para diminuir suas dificuldades de aprendizagem e servem de base para que os mesmos venham desenvolver sua aprendizagem e atuem, significativamente, como leitores proficientes diante das vivências sociais.

Palavras-chave: Educação Especial. Leitura. Letramento. Dificuldades de Aprendizagem.

1. Introdução

O trabalho com a literatura pode ser focado por meio de um olhar que visa a existência de múltiplas relações com o despertar do imaginário do leitor e permite ao educador realizar um vasto leque de práticas que proporcione ao educando o despertar, a fruição, o estímulo pelo “querer aprender” e o prazer pela leitura, não apenas a leitura literária, mas a formação de um leitor que aprecie e compreenda esse ato (mesmo que inconscientemente) como uma base para a construção de seus próprios conhecimentos – de forma significativa e prazerosa. Ou seja, faz-se necessário rever e tentar extinguir a “propagação” das **dificuldades de aprendizagem** no que se refere à leitura, pois é possível que o profissional da área educacional se utilize de estratégias para estimular seus alunos, na perspectiva de sanar as DIFICULDADES apresentadas. Mas, é preciso ter como foco um viés facilitador, que venha a instigar o aluno com dificuldades, pois é interessante salientar que:

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido. (KLEIMAN, 1998:16)

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br



Desse modo, temos uma latente que as **dificuldades de aprendizagem**, acerca da assimilação leitora, denota à prática docente um desafio e um pedido de mudança, levando aos profissionais da área a aplicar mudanças em sua rotina metodológica. Assim, podemos observar que o professor pode ser considerado eixo fundamental diante do norteamento dos alunos no que tange ao incentivo à leitura e, conseqüentemente, à formação leitora frente às necessidades de aprendizagem.

Diante disso, o foco da escola precisa ser o de formar leitores autônomos, críticos e competentes para desenvolver uma leitura crítica do mundo. Mesmo sabendo que esta prática ainda não é desenvolvida efetivamente em muitas escolas, cabe ao professor buscar mudar sua postura visando que o ensino tenha como premissa uma formação leitora que possibilite o ensino para todos de forma facilitadora e estimulante – não só a leitura para o conhecimento daqueles que aprendem com facilidade, mas também, para que os alunos com dificuldades de aprendizagem apreendam a prática prazerosa da leitura.

É importante despertar no aluno, especialmente o com dificuldade de aprendizagem, seu papel interativo enquanto leitor, bem como incentivar e orientar para que venham a realizar leituras diversificadas, podendo ser capaz de compreender e inferir, criticamente, sobre os mais variados textos que venham a ler.

Mas, a escola necessita melhorar em vários aspectos e precisa ter como foco a formação educacional enquanto uma prática social motivadora que visa obter resultados promissores no desenvolvimento dos alunos enquanto cidadãos que tenham uma atuação proficiente diante do universo letrado que o circunda.

E quanto ao aluno, a escola tem o papel de favorecer proficiência leitora, de forma que o aluno/leitor precisa ser orientado a vivenciar o ato da leitura como uma prática cultural, tendo em sala de aula, e fora dela, a experiência dinâmica de significar e apreciar o que lê, pois segundo Lajolo (1993), a posição do bom professor se limita a função propagandista persuasiva ao incentivar a leitura enquanto um “produto” essencial para ser consumido.

Desse modo, cabe ao professor incentivar a leitura, podendo fazer uso dos mais variados gêneros como uma atividade de construção e reconstrução de sentidos, incentivando para que esta prática não venha a perder sua essência em meio às vivências cotidianas atuais deste acelerado processo desenvolvimentista. Dessa maneira, é relevante concordar que:

[...] o letramento é aqui considerado um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder. (KLEIMAN, 1995, p. 11)



Ao tomarmos como base a afirmação acima de Kleiman (1995) e relacioná-la à realidade da Educação, nos pomos a indagar: O que fazer para despertar no aluno da educação básica a efetiva prática do letramento/leitura enquanto prática social? Quais práticas de leitura podem ser estimuladas com esses alunos, tão diferenciados, para que eles possam se interessar pelo hábito da leitura em sala de aula e fora dela? Quais estratégias de leitura são desenvolvidas pelos alunos dessa faixa etária e como estimulá-los para torná-los leitores proficientes?

Nos pomos a analisar e inferimos que o universo letrado que circunda os alunos tende a ser uma ferramenta didática facilitadora que vem a aproximar o aluno à prática de leitura, pois os seus textos devem passar a ser meios estratégicos, vindo a apresentar proximidade à realidade social dos alunos, tornando a leitura uma prática significativa, vindo a tornar-se um instrumento de suporte no processo de ensino aprendizagem com alunos com dificuldades de assimilação leitora.

A justificativa desse estudo deve-se ao fato de analisarmos bibliograficamente se a prática leitora é algo, verdadeiramente, motivador e se serve enquanto um meio para que o leitor venha a compreender os seus espaços culturais e interagir, conscientemente, neles, de forma cidadã. Mas, para chegar a essas condições, ao leitor, precisa ser dada a oportunidade de eleger meios para compreender as leituras a ele dispostas. Para tanto, cabe ao professor a formação desse sujeito-leitor proficiente, o qual faça uso adequado das estratégias de leitura.

Para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa tomamos como suporte teórico as propostas trazidas por Solé (1998), Kleiman (1996, 1998, 2007), Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998), entre outros. Desta feita, elegemos como base desta pesquisa os estudos propostos por em Solé (1998), na perspectiva de analisar as propostas reais de melhoria da competência leitora do aluno/leitor com dificuldade de aprendizagem através do uso de estratégias de leitura.

Elegemos como objetivo geral desta pesquisa, com base em Solé (1998), analisar teorias sobre estratégias de suporte de aprendizagem para alunos com dificuldades de aprendizagem leitora. E como objetivos específicos - observar estudos de contribuição: para a formação de um leitor proficiente; para a formação de um leitor mais consciente em relação à construção do sentido do texto; para a cooperação da formação de um leitor mais crítico e mais autônomo durante o processo de leitura.

Desse modo, enfocamos como está sendo proposto, ao aluno com dificuldades de aprendizagem, o despertar de estratégias que oportunizam e abrangem seus saberes, de acordo

com sua capacidade interpretativa e se está conforme seus interesses sociais, pois em nossa prática pedagógica partimos da perspectiva de que “nós temos em nossas mentes modelos culturalmente construídos do evento de letramento” de acordo com (Street, 2014, p. 147). Assim, percebemos a importância do desenvolvimento de alunos, com a perspectiva valorizar o despertar das experiências prévias de leitura e de mundo, vindo a ser motivos despertadores para o querer aprender e o para prazer pela leitura.

2. Metodologia

É de interesse do nosso estudo, dentre outros, lançar nosso trabalho de pesquisa bibliográfica enquanto um referencial promissor de desenvolvimento para o trabalho com a assimilação leitora daqueles que apresentam dificuldade de aprendizagem.

Esta pesquisa reconhece as concepções de leitura e propõe o uso daquela que defende uma abordagem interacional de língua, faz uso de uma concepção de ensino que se utiliza de diversas estratégias facilitadoras de apropriação da leitura, além de considerar os amplos conhecimentos prévios dos alunos enquanto sujeitos letrados, que são capazes de desenvolver estratégias de leitura, vindo a servir de auxílio em sua formação de cidadãos, por meio de uma aprendizagem dialógica e contextualizada.

Várias foram as questões que nos levaram perceber a necessidade de melhoria da aprendizagem da leitura aos alunos com dificuldades. Bem como, a necessidade de desenvolver nesses alunos suas estratégias de leitura e instigá-los ao gosto pela leitura, almejando que eles se percebam constituintes e constituídos em meio ao processo de leitura.

Assim, é função da escola fornecer os instrumentos necessários para que o educando consiga se apropriar dos conhecimentos que extrapolem o cotidiano e interaja plenamente com o tema do projeto e com as atividades escolhidas para o desdobramento do mesmo.

Um dos maiores empecilhos encontrados no processo de ensino aprendizagem são questões relacionadas às dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos. Pois, na maioria das vezes, os pais e até mesmo os professores e a equipe escolar chegam a considerá-los como aqueles que têm baixa inteligência, insolência ou preguiça, sendo comum a questão de punição por estes alunos fracassarem, o que vem a gerar frustração aos próprios estudantes. De acordo com CAMPOS (1979, p. 33), “A aprendizagem envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físicas, quanto mentais e afetivas, isto significa que aprendizagem não pode ser considerada somente como um



processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou emocionais, pois todos estes são aspectos necessários”.

Mas, faz-se necessário ter conhecimento que os alunos que apresentam Dificuldades de aprendizagem são portadores de problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações. Ou seja, refere-se a uma gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico, o que leva o aluno a um baixo desempenho escolar, com problemas acadêmicos são aquelas que afetam a percepção visual, o processamento da linguagem, as habilidades motoras finas e a capacidade para focalizar a atenção.

2.1 Dificuldades de Aprendizagem

Estudantes com dificuldades de aprendizagem tendem a apresentar comportamentos problemáticos, como: hiperatividade, fraco alcance da atenção, dificuldade para seguir instruções, imaturidade social, dificuldade com a conversação, inflexibilidade, fraco planejamento e habilidades organizacionais, distração, falta de destreza e falta do controle dos impulsos. Esses comportamentos surgem a partir das mesmas condições neurológicas que causam problemas de aprendizagem.

Vários estudiosos e especialistas consideram que muitas crianças não estão apresentando um bom desenvolvimento na escola por serem portadoras de deficiências que não foram identificadas, isso se dá em virtude de ainda se haver limitações de conhecimento no campo da educação e a maioria dos profissionais da área da educação não serem conhecedores das informações necessárias para desenvolver metodologias que possam ter êxito com esses alunos. Pois, pesquisas comprovam que os alunos mais propensos a ter sucesso são aqueles que têm pais e professores informados, tendo-se incentivadores ao seu lado.

É possível afirmar que a área da educação nem sempre é cercada somente por sucessos e aprovações. Muitas vezes, no decorrer do ensino, nos deparamos com problemas que deixam os alunos paralisados diante do processo de aprendizagem, assim são rotulados pela própria família, professores e colegas. É importante que todos os envolvidos no processo educativo estejam atentos a essas dificuldades, observando se são momentâneas ou se persistem há algum tempo.

Em alguns estudos, os investigadores têm usado técnicas sofisticadas de imagens para observarem cérebros vivos em funcionamento, comparando estruturas e níveis de atividade nos cérebros de sujeitos normais e de sujeitos com problemas de aprendizagem. Em



em outras áreas, os cientistas realizam autópsias de cérebros de pacientes falecidos com dificuldades de aprendizagem, buscando diferenças anatômicas, e os geneticistas têm encontrado evidências de que algumas espécies de dificuldade de aprendizagem são herdadas.

As dificuldades podem advir de fatores orgânicos ou mesmo emocionais e é importante que sejam descobertas a fim de auxiliar o desenvolvimento do processo educativo, percebendo se estão associadas à preguiça, cansaço, sono, tristeza, agitação, desordem, dentre outros, considerados fatores que também desmotivam o aprendiz.

Boa parte das dificuldades do trabalho com a leitura na escola diz respeito ao fato de que, ainda que sejam escritos em língua materna, os textos não se relacionam aos usos efetivos da linguagem para os alunos. No seu meio social, os alunos têm usos e funções distintos para os muitos textos com que se deparam e para os quais desenvolvem estratégias de acordo com os objetivos da leitura, respeitando a complexidade dos textos e as práticas discursivas a que eles têm acesso. Na escola, entretanto, boa parte das vezes, o texto é concebido como um somatório de frases e utilizado como pretexto para o ensino da gramática normativa. Tal situação denota uma concepção de leitura como decodificação de conteúdos vigente até a segunda metade do século passado, e ainda presente em muitas práticas educativas (KLEIMAN; SIGNORINI, 1995).

Bronckart (1999, p. 103) defende que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, ou seja, os gêneros textuais são instrumentos de que os sujeitos dispõem para atuar nos diferentes domínios da atividade humana. Assim, os textos utilizados na vida em sociedade têm formatos, estruturas e intenções variadas. A prática pedagógica, para formar leitores proficientes, deve desenvolver experiência de leitura que promovam o uso de estratégias por meio dos mais variados gêneros textuais, uma vez que o uso eficaz de estratégias de leitura está relacionado com o gênero que se lê e o propósito de leitura que se tem em mente. Marcuschi (2010) corrobora com a ideia ao afirmar que os gêneros constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas, uma vez que respondem a uma necessidade, atendem a uma expectativa.

Seguindo esse pensamento, é necessário priorizar o ensino da leitura, tomando por base as contribuições trazidas pela teoria dos gêneros, bem como as orientações para o ensino da Língua Portuguesa apresentada nos PCNs.

3. Resultados e Discussão



Na fase inicial do processo de aquisição de leitura, o aprendiz precisa assimilar as regras de ortografia, de pontuação, precisa conhecer os grafemas e fonemas. Não implica que, na etapa da alfabetização, exista a preocupação apenas com tais questões relacionadas à leitura, mas estas são essenciais para a formação do leitor.

Portanto, ao considerarmos que os estudantes já dominam, mesmo inconscientemente, regras gramaticais da língua escrita, há um processo de acionamento automático de recursos subjacentes a estratégias para o desenvolvimento da leitura, os quais passam a ser quase imperceptíveis para um leitor proficiente.

O leitor estabelece uma relação de estratégias no processo de leitura do texto. Segundo Costa (2000) a leitura e a escrita passam por processos que se complementam, como um conjunto de práticas e eventos sociais transformando os sujeitos que exercem essas práticas. Solé (1998, p. 22) complementa que “a leitura é um processo de interação entre leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura”.

Mas, para sequenciarmos nossa pesquisa, vamos focar nossa fala sobre a questão da *LEITURA* em si mesma. O primeiro passo será para a desmistificação do conceito de leitura, ou seja, vamos focá-lo numa concepção não escolar deste processo. Segundo Kleiman (2000), é necessário ver leitura no seu plano cognitivo, isto é, aspectos relacionados à relação entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento.

Para os PCN (1998) a leitura por um lado oferece a matéria-prima para a escrita e por outro lado contribui para a constituição de modelos e pode ser vista como um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua, do sistema da escrita.

Para ler é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão. Supõe-se que o leitor seja um processador ativo do texto, e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses, que levam à compreensão. Assim, Solé (1998) nos mostra que o leitor aciona estratégias para o antes, o durante e o depois da leitura, cabendo ao professor estimular o desenvolvimento dessas estratégias na formação do leitor, proporcionando ao aluno o domínio dos processamentos básicos da leitura, para que este alcance seu estágio de proficiência leitora.

O leitor, no momento da leitura, faz uma leitura textual com todo seu ser e sua bagagem de conhecimento sociocultural, ele constitui-se, identifica-se e projeta-se no texto,



aproximando-se e distanciando-se das informações que o texto sugere, mesclando às suas ideias (aos seus conhecimentos prévios), as saliências textuais que lhe sobressaem, o que lhe é permitido pela incompletude do texto, pelas lacunas deixadas pelo autor. Mas, antes de chegar a esse processo, o leitor passa pela etapa denominada decodificação, pois é o momento em que o receptor reconhece os símbolos escritos, ligando-os a um significado, relaciona à memória visual e se completa com a decodificação dos símbolos escritos, ou seja, as palavras. Segundo Solé (1998), uma das dificuldades deste processo é isolar e identificar os sons da linguagem. Embora os sons sejam as unidades básicas da linguagem, isolá-los e identificá-los é particularmente difícil, porque não existem como tais na emissão falada.

No período da aquisição da leitura, o aprendiz costuma mostrar-se competente no uso comunicativo da linguagem, competência que o leva, inclusive, a utilizar estruturas linguísticas realmente muito complexas, habilidade fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita. Assim o sucesso da leitura depende de uma perfeita montagem das peças que são encaixadas à busca da compreensão. Cabe ao professor e à escola, discretamente, fazerem os ajustes necessários para que um conceito de leitura seja criado por cada leitor.

Desta forma, de acordo com os PCN (1998), a leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino e precisa se transformar em um objeto de aprendizagem. A estratégia didática inicial é trabalhar com a diversidade textual que circula na sociedade. Vale ressaltar que o aprendizado da leitura, mesmo o inicial, não pode ficar centrado somente decodificação. É preciso, ao contrário, ensinar para os alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que leitores experientes utilizam. Com isto poderão antecipar, fazer interferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem.

Para aprender o código, o aluno necessita poder manipulá-lo e refletir sobre ele. O leitor precisa possuir uma consciência metalinguística para conhecer os segredos do código, uma vez que, quando falamos, colocamos nossa atenção no conteúdo, raramente na linguagem como forma. Assim, entra em cena a metacognição, a qual acontece quando o leitor é capaz de perceber se está ou não compreendendo o texto lido, é um momento em que o leitor avalia seu desempenho e suas estratégias para leitura. Aqui ele não está preocupado somente com o conteúdo da leitura, mas principalmente com a maneira que estas informações chegam até ele.

Leffa (1996) nos apresenta que um leitor fluente tem consciência de seu processo metacognitivo, enquanto um leitor não proficiente tem na leitura somente a decodificação. O leitor fluente é capaz de descrever como foi seu processo de compreensão do texto, ou seja, ele diz se foram necessárias regressões, porque ele as executa e apresenta possíveis maneiras



de melhorar seu desempenho, mas um leitor inexperiente somente decodifica e não é capaz de descrever suas estratégias de leitura.

A estratégia, segundo Solé (1998, p. 69), segue os princípios abaixo mencionados:

a estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade da pessoa, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos.

A autora mostra que a estratégia existe como habilidade a ser desenvolvida, mas como ela mesma argumenta posteriormente as estratégias “*não detalham nem prescrevem totalmente o curso de uma ação*” (SOLE, 1998, p. 69); indicam caminhos que já foram testados e parecem ser os mais adequados a serem seguidos.

Na sala de aula, existe a preocupação para que os estudantes sejam autônomos e para isso o educador precisa recorrer a alguns recursos. É nesse aspecto que entram as estratégias e sua importância para o ensino da leitura:

Por que é necessário ensinar estratégias de compreensão? Em síntese, porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução. (SOLE: 1998, p. 72)

A ativação das estratégias de leitura implica, segundo Koch (2009), a mobilização de três grandes redes de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional. É essa rede de conhecimento que permitirá ao leitor interagir com textos de gêneros variados de acordo com o contexto e seus objetivos de leitura.

Assim, atento a esses aspectos é possível ao leitor organizar-se e estar aberto para compreender seu próprio processo de aprendizagem. Na maioria das vezes, o leitor não tem consciência desses aspectos mesmo que os utilize. Quando passa a conhecê-los, também tem a oportunidade de ampliar esse processo. É interessante atentar que as estratégias não devem servir como técnicas ou procedimentos, ou seja, não podem ser aplicadas como meras atividades, mas devem sim ser tratadas como meios e suporte para um bom desempenho na leitura e na formação do leitor proficiente.

Solé (1998, p. 73-74) elenca seis passos para iniciar a compreensão da leitura. São eles:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. [...]
2. Ativar e apontar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. [...]
3. Dirigir a atenção ao fundamental em detrimento do que pode parecer mais trivial. [...]
4. Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”. [...]



5. Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto-interrogação. [...]
6. Elaborar e provar interferências de diverso tipo, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões. [...]

Esses passos iniciais não são estáticos e não necessariamente precisam seguir essa ordem, mas fazem parte de um importante processo que abre espaço para discussões, trocas de informações e descobertas.

Dessa forma, para chegar ao entendimento de um texto, o leitor precisa colocar em ação todas as estratégias necessárias para preencher os vazios, uma vez que a leitura é uma atividade de solução de problemas. Embasado em conhecimentos como os descritos acima, o leitor selecionará estratégias de ordens cognitivas, sociointeracionais e textuais.

Tomando como base o pensamento de Solé (1998, p. 19) de que “a aprendizagem da leitura e de estratégias adequadas para compreender os textos requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição”, bem como as colocações de Kleiman (2001, p. 203) que refletem que “a formação do leitor crítico não ocorre espontaneamente, trata-se de uma tarefa de ordem cognitiva e de ordem social [...]. Sem atividades que permitam refletir, retomar, reelaborar, avançar nesse processo, será a resposta pronta que predominará”, entendemos a necessária participação do professor no ensino de estratégias leitoras. Os alunos precisam ser orientados para a construção de sentidos sobre o que leem, processo em que devem ser combinadas informações visuais presentes no texto e os conhecimentos do leitor.

A partir dessa visão, vemos que o ensino de estratégias leitoras se justifica pela necessidade de formação de leitores autônomos, capazes de dialogar com textos diversos, muitas vezes, diferentes dos utilizados durante cotidianamente pelos alunos. Esses textos podem ser complexos, pela alta criatividade ou premissa. De qualquer maneira, como partem de uma grande variedade de objetivos, cabe esperar que a estrutura textual também seja variada, bem como as possibilidades de compreensão (SOLE, 1998).

A formação de leitores autônomos também pode ser entendida como formação de leitores capazes de aprender por meio dos textos. Por essa razão, o leitor deve ser capaz de interrogar a sua compreensão, relacionar o que lê com suas vivências e acervo cultural, questionar seu conhecimento e chegar a modificá-lo, construir generalizações que possibilitem transferir o que aprendeu para contextos diferentes. O ensino de estratégias de leitura contribui para dar aos alunos os recursos necessários para que eles possam aprender a aprender. O aluno precisa ter controle do que lê e tomar decisões adequadas segundo os seus objetivos.



Soledade (1998) traz a contribuição de Bruner e colaboradores (WOOD, BRUNER, ROSS, 1976), os quais desenvolvem uma metáfora denominada “andaime” a fim de explicar o papel do ensino em relação à aprendizagem do aluno. Segundo tal metáfora, assim como os andaimes se localizam acima do edifício que colaboram na construção, os desafios advindos do ensino devem estar além dos que o leitor consegue resolver. Mas, assim como os andaimes são retirados após a construção do edifício se o trabalho for a contento, também as ajudas do professor devem, progressivamente, cessar, logo que os alunos se mostrem competentes e puderem controlar a aprendizagem.

CONCLUSÕES

Após concluirmos o nosso trabalho compreendemos que ler é uma atividade complexa, pessoal, subjetiva e que depende de um conjunto de atitudes internas, cognitiva e mentais para o seu desenvolvimento pelo educando – enquanto leitor.

Embora professores reconheçam a importância de se desenvolver a compreensão e o raciocínio dos alunos, na realidade esses aspectos não parecem fazer parte do conjunto de objetivos principais a serem atingidos pela educação, já que na prática a escola, muitas vezes, não tem valorizado o pensar e o transformar. Pouco tem sido feito no sentido de despertar no aluno a capacidade de aprender a aprender. É fundamental que se abram espaços para o "aprender a aprender" e o "aprender a pensar". É sem dúvida esse o nosso ponto alvo a ser atingido, estimular a aprendizagem do aluno por meio do incentivo à leitura de maneira instigante.

Chegamos a conclusão de que o aluno com dificuldade de aprendizagem pode apresentar sentimento de frustração, inferioridade e a agressividade diante do fracasso escolar. Assim, entra em cena a leitura com toda sua variedade e descortina um mundo novo às crianças. Considerando que a mesma, é uma ação produtora de sentido, podemos concordar que “a fim de obterem o progresso intelectual, as crianças devem não apenas estarem prontas e serem capazes de aprender, as também devem ter oportunidades apropriadas de aprendizagem” (GOMEZ, 33).

A concepção de linguagem considera que a leitura é uma atividade humana, uma ação produtora de sentidos. Nessa perspectiva a grande preocupação está em redimensionar a concepção escolar de leitura. Para alterar este quadro preconiza-se que o educador procure levar para a sala de aula os diferentes textos que circulam na vida real, bem como, aqueles considerados literários e/ou inerentes ao contexto escolar, para que tais textos venham a ser a

ser suportes estratégicos facilitadores da aprendizagem – especialmente no trabalho de leitura com alunos que apresentam dificuldades.

Os textos lidos tendem a proporcionar que os sujeitos se identifiquem, relacionado-os à vista cotidiana, tornando a aprendizagem leitora enquanto uma prática prazerosa. Concorda-se que não basta ao educador ensinar um saber, mas é preciso que esse saber atenda as novas exigências sociais culturais e tecnológicas. Ensinar a ler é aprender a ler, para atender a dinâmica da sociedade e para compreender a diversidade de funções que a escrita hoje requer. É, portanto, condição para o processo de construção do conhecimento e para apropriação dos bens culturais.

Por conseguinte, a leitura passa a ser o meio pela qual o aluno (aqui enfocamos o aluno com dificuldades de aprendizagem) pode ampliar seu universo letrado, utilizando as suas capacidades de leitores e, assim, construir novas competências e habilidades.

Por fim, denotamos que a educação possa ser antes de tudo inclusiva em todos os sentidos: social, linguístico, econômico, construtivo e cidadão. E que os alunos que apresentem algum tipo de dificuldade tenham oportunidades facilitadoras de aprendizagem e, assim, possam mostrar que são capazes de ir além do óbvio.

REFERÊNCIAS

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 1999.

GOMEZ, Ana Maria S.; Teran, Nora Espinosa. **Dificuldades de Aprendizagem: detecção e estratégias de ajuda**. EQUIPE CULTURAL (trad.). Brasil: Cultural, S. A.

KLEIMAN, A. MORAES, S. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

KLEIMAN, Angela; SIGNORINI, Inês (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Parâmetros Curriculares Nacionais <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>
Acessado em: 02/05/2017.